http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n3a69721

Hipercorreção e frequência de uso: um pequeno estudo de caso da língua Akwẽ-Xerente

Hypercorrection and frequency of use: a small case study on Akwẽ-Xerente language

Mário André Coelho da Silva[1]

RESUMO

A língua indígena Akwẽ-Xerente, pertencente ao ramo Akuwẽ (Jê Central) da família Jê, conta com uma série de elisões vocálicas ao longo de sua história, com algumas delas ainda ativas em alternâncias morfofonológicas na sua atual sincronia. Em alguns contextos, vê-se emergir destas quedas vocálicas um tepe não etimológico, fazendo com que uma estrutura silábica originalmente complexa se torne ainda mais, já que a partir da interação de encontros consonantais com a emergência do tepe entre essas consoantes, podem surgir sílabas com *onsets* com até três consoantes [CɾCV]. Este artigo busca descrever, a partir da Teoria de Exemplares, em quais contextos este padrão emerge e quais suas motivações. Mostramos que o tipo [kɾC], com tepe não etimológico seguido por consoante coronal, é o contexto mais frequente e que, por trás disso, encontra-se um caso de hipercorreção, em que falantes mais jovens buscam aproximar sua fala daquela dos anciãos, que é considerada como o padrão de prestígio da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia de uso. Hipercorreção. Línguas indígenas. Macro-Jê. Xerente.

ABSTRACT

The indigenous Akwẽ-Xerente language, belonging to the Akuwẽ (Jê Central) branch of the Jê family, has a series of vowel elisions throughout its history, with some of them still active in morphophonological alternations in their current synchrony. In some contexts, a non-etymological tap emerges from these vowel elisions, causing an originally complex syllabic structure to become even more complex. Syllables with onsets with up to three consonants [CɾCV] can emerge from the interaction of consonant clusters with a non-etymological tap between them. This paper aims to describe, based on the Exemplar Theory, in which contexts this pattern emerges, and what are its motivations. We show that the [kɾC] type, with a non-etymological tap followed by a coronal consonant, is the most frequent context and that, behind this, there is a case of hypercorrection, in which younger speakers seek to bring their speech closer to that of the elders, which is the one considered as the prestige standard of the community.

KEYWORDS: Hypercorrection. Indigenous languages. Macro-Jê. Usage-based phonology. Xerente.

1. Introdução

Estudos linguísticos que considerem efeitos de uso, como aqueles levados a cabo por teorias fonológicas de uso, como a Teoria dos Exemplares (Bybee 2001, 2010) por exemplo, ainda estão em um estágio extremamente incipiente em sua aplicação na análise de línguas indígenas brasileiras. Há décadas, tem-se tornado inegável que o efeito do uso conta como um papel relevante na organização dos sistemas sonoros (e linguísticos de maneira mais geral) sincrônicos das línguas do mundo e também

[1] Doutor em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Goiás (UFG). mario.andrecs@ufg.br, https://orcid.org/0000-0002-4882-1567.

Recebido em 28/09/2025 - Aceito em 21/04/2026

como motor da mudança ao longo do tempo (Bybee, 2001, 2010). O presente trabalho pretende, desta forma, trazer um pequeno estudo de caso, ainda inicial, sobre como a frequência de uso tem sido um motivador da hipercorreção fonético-fonológica na diacronia da língua Akwẽ-Xerente.

A língua Akwẽ (Glottocode: xere1240) é falada pelo povo de mesmo nome, o qual é mais conhecido na literatura por Xerente. Com aproximadamente 3.323 falantes (IBGE, 2022), o povo Akwẽ tem por território, hoje, duas Terras Indígenas demarcadas: a T. I. Xerente e a T. I. Funil, ambas no município de Tocantínia, estado do Tocantins, numa faixa de terra entre os rios Tocantins e Sono e distantes a aproximadamente 85 km da capital estadual, Palmas.

A língua ainda conta com a transmissão intergeracional, apesar de um grande domínio da língua do colonizador, o português, pela maior parte das pessoas que vivem nas duas T. I.s. Pertence ao ramo Akuwẽ (também conhecido na literatura por Jê Central), da família Jê, a qual, por sua vez, é uma ramificação do tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999; Nikulin, 2020). Da mesma família, ainda é falado o A'uwẽ (Xavante, Glottocode: xava1240), língua a qual, mais a frente, nos será de interesse, e, já em estado de dormência, tem-se o Krẽka (Xakriabá, Glottocode: xakr1238) e o Akroá (Glottocode: acro1239), para os quais pode-se verificar o parentesco por meio de lembradores, no caso daquela, e por meio de listas de palavras do século XIX, no caso de ambas (Martius, 1867b, vol. II). Possivelmente, o povo Gueguê também falava uma língua pertencente ao ramo Akuwẽ, pois, apesar de não ter tido seu idioma registrado, é descrito pela historiografia não indígena como tendo cultura e língua próximas às dos Akroá (Martius, 1867a, vol. I, p. 280).

Este artigo se organiza da seguinte maneira: na próxima seção, apresentaremos um panorama da fonologia do Akwẽ, com atenção especial para a estrutura silábica e para os contextos de queda vocálica, a qual é pervasiva na língua, tanto de um ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. Depois, na seção seguinte, caracterizaremos a hipercorreção no Akwẽ dentro de um contexto sincrônico e diacrônico no ramo Akuwẽ. Em seguida, descreveremos a metodologia de pesquisa e como ela se encaixa dentro da Teoria de Exemplares e, encaminhando para o fim, apresentamos os resultados e a análise destes para, então, procedermos às considerações finais.[2]

2. Fonologia do Akwẽ

Apresentamos, nesta seção, um breve panorama da fonologia do Akwẽ. Em relação ao inventário fonológico e à estrutura silábica, em grande medida a análise de Mattos (1973, 2024) se aproxima dos fatos por nós observados, ainda que, a partir da análise de dados publicados em trabalhos acadêmicos e com quase cinco anos de orientação de alunos Akwẽ na licenciatura em Educação

[2] Neste trabalho usamos as seguintes convenções: o asterisco indica uma forma fonológica reconstruída, se seguido pelo item lexical em itálico, ou uma forma fonológica não atestada/agramatical, se seguido por barras. Formas fonéticas reconstruídas ou não atestadas/agramaticais são marcadas por um asterisco seguido de colchetes; nestes casos, o contexto indicará ao leitor qual a leitura pretendida. Raízes relacionais (Salanova; Nikulin, 2025) são precedidas por um hífen. A letra C entre barras ou colchetes indica uma consoante e a letra V, nesses mesmos contextos, uma vogal. As glosas usadas são as seguintes: CAUS – causativo; DAT – dativo; ERG – ergativo; HON – honorífico; NF – forma não finita; PL – plural; RLS – *realis*; SG – singular; TH – consoante temática; 1 – primeira pessoa; 2 – segunda pessoa.

Intercultural do Instituto de Formação Superior Indígena Takinahakỹ (IFSIT), na Universidade Federal de Goiás (UFG), tenhamos alguns indícios para divergir em pontos específicos da análise de Mattos, principalmente no que concerne ao estatuto fonológico de algumas consoantes. Outros trabalhos trazem análises muito semelhantes à desse autor, exceto por ignorarem algumas distinções fonológicas, como por exemplo, entre /ɨ/ e /ə/ (Sousa Filho, 2007; Frazão, 2013; Souza, 2008, 2017), ou o contrário: distinguem como fonemas alofones de um mesmo fonema, como [b] e [m] ou [d] e [n], que são analisados, respectivamente como /b, m, d, n/ (Sousa Filho, 2007; Frazão, 2013; Souza, 2008, 2017; Cotrim, 2016).

Quadro 1: Inventário fonológico consonantal do Akwẽ

	labiais	**alveolares**	**Palatal**	**velar**	**glotal**
obstruintes surdas	/p/	/t/	/s/	/k/	
obstruintes sonoras	/m/ > [b]	/n/ > [d]	/z/		
nasais	/m/	/n/			
soantes	/w/	/ɾ/	/j, j̃/		/h/

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Mattos (1973, 2024)

Alguns comentários acerca da tabela acima são necessários. Primeiramente, destaca-se que, apesar de não se tratarem de palatais, agrupamos as fricativas alveolares /s, z/ e algumas ocorrências da nasal /n/ como palatais por estas virem, historicamente, de uma série de palatais **c* (dando origem a /s/), **ɲ* (com um alofone oral *[ɲʲ] que deu origem a /z/ e outro nasal *[ɲ] que se fundiu com /n/). A origem palatal de /s, z/ ainda pode ser escutada na fala dos mais velhos, na realização dessas consoantes como [s̻, z̻] (descritas como retroflexas [ʂ, ʐ] por Mattos (1973, 2024) e Souza (2008, 2017)), as quais, com seu caráter articulatório mais posterior da lâmina da língua, refletem um estágio de transição entre palatais e alveolares. Mattos (1973) afirma que sincronicamente [j, j̃] são alofones, respectivamente, de /s, n/ na posição de coda silábica, contudo, a queda de vogais, como veremos mais adiante, gera padrões silábicos fonéticos complexos, em que podem ser encontradas ocorrências de [s, n] em fim de sílaba, obscurecendo a relação entre a distribuição fonológica e fonética dessas consoantes. Por isto, neste estudo, preferimos considerar /j, j̃/ como protótipos de diferentes *clusters* na representação mental dos falantes (detalharemos a relação entre o conceito clássico de fonema e a ideia de *clusters* na Seção 4). Para maiores detalhes sobre a evolução diacrônica das consoantes do Akwẽ, remetemos os leitores à tese de Nikulin (2020).

Outro ponto é o destaque que demos para as diferentes formas dos pares de obstruintes sonoras orais e nasais. Ainda que a distribuição entre [m, b] e [n, d] seja largamente previsível, em que são realizados como os *onsets* [m, n] antes de vogais nasais e [b, d] antes de vogais orais, novamente, vemos que a queda das vogais por vezes ofusca essa distribuição, já que o motivador da escolha por

uma ou outra forma nem sempre aparece, como em [-hidba] 'irmã (do homem)' (< Proto-Akuwẽ *-*hidiba*) ou [-nkɾe] 'nariz' (< Proto-Akuwẽ *-*ɲ-ĩkɾe*). Junte-se a isso, a emergência de formas com consoantes nasais, motivadas não mais pela vogal nasal seguinte, mas por aquela à esquerda: [ĩdatkɨ] ~ [ĩnatkɨ] (mas *[ĩnə̃tkɨ], agramatical) 'minha mãe' (< Proto-Akuwẽ **ĩ-datikɨ* ~ **ĩ-datikə*)

No quadro 2, a seguir, apresentamos as vogais do Akwẽ. Esta análise, como discutido anteriormente, é a proposta por Mattos (1973, 2024) e por Cotrim (2016). As distinções nela presente são as mesmas dos dados que temos, tendo em vista que os demais autores consultados (Sousa Filho, 2007; Frazão, 2013; Souza, 2008, 2017) ignoram a distinção entre /ɨ/ e /ə/.

Quadro 2: Inventário fonológico vocálico do Akwẽ

	anteriores	**centrais**	**posteriores**
altas	/i, ĩ/	/ɨ/	/u, ũ/
médias	/e, ẽ/	/ə, ə̃/	/o, õ/
baixas	/ɛ/	/a/	/ɔ/

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Mattos (1973, 2024)

O sistema de vogais do Akwẽ, com exceção da queda vocálica, a qual detalharemos mais adiante, não conta com alternâncias importantes para a discussão deste artigo. Notamos que as vogais /ɨ, ũ, o/ contam com uma frequência de tipo extremamente baixa,[3] ainda que /o/ tenha uma frequência de ocorrência alta, por ser encontrada em morfemas gramaticais de uso frequente, como /to/ 'RLS', /kə̃to/ 'e' etc., apesar de não a termos quantificado precisamente.

Em relação à sílaba fonológica, em concordância com Mattos (1973, 2024), entendemos que a estrutura máxima é /(C_1)(C_2)V(C_3)/. Sílabas sem *onset* ocorrem em alguns índices prefixais de pessoa, como /ĩ-/ 1.SG, /a-/ 2. SG.HON, dentre outros; na fala dos mais jovens, quando ocorre a queda de /h/: /bɾupahi/ > [bɾupaˈ**i**] 'andorinha'; e em alguns poucos itens lexicais iniciados por /a-/, a maioria deles pertencentes à fitozoonímia, como /akɛ/ 'tiririca', /aɾbɔ/ 'morcego', dentre outros. A posição de C_1 pode ser ocupada por qualquer consoante, exceto por /j, j̃/ e C_2 pode ser ocupada apenas por /w, ɾ/, caso C_1 seja uma não soante não coronal e que não concorde em ponto de articulação com C_2. Desta forma, são lícitos apenas os *onsets* complexos /pɾ-, mɾ-, kɾ-, kw-/. Qualquer outro encontro consonantal em ataque silábico surge, historicamente, a partir da queda vocálica ou, sincronicamente, da alternância entre formas conservadoras com vogais e formas inovadoras emergentes sem vogais. Contudo, Santos (2025) demonstra que, em raízes nominais, estes encontros consonantais derivados da queda da vogal estão em estágio avançado de fonologização, por a vogal já não ocorrer em mais nenhum contexto fonético e, consequentemente, poder ser recuperada somente por alternâncias

[3] Na seção Akwẽ-português do dicionário de Krieger e Krieger (1994), contabilizamos, a partir de um total de 3.714 entradas, 12 ocorrências de entradas com /ɨ/ (=0,32% do total de entradas); 13 ocorrências de entradas com /ũ/ (=0,35%) e 34 ocorrências de entradas com /o/ (=0,92%). Em outras palavras, a frequência de tipo para entradas do dicionário com as três vogais em questão, somadas, totaliza 59 ocorrências ou, em termos proporcionais, apenas 1,59% das entradas contam com um dos três segmentos.

morfofonológicas em alguns casos (como [-nkɾe] ‘nariz’, citado mais acima). Finalmente, a posição de coda pode ser preenchida apenas pelas consoantes /-m, -j, -j̃/: outras consoantes que ocorrem em fim de sílaba, também são indicativas de que são formas inovadoras, em que uma vogal que se elidiu.

A queda vocálica, como dito anteriormente, é um fenômeno extremamente frequente na língua, tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico, e pode ser dividida em quatro tipos, alguns ainda produtivos em alternâncias morfofonológicas, a saber: queda de vogal eco etimológica; queda de vogais anteriores altas /i, ĩ/; a queda de vogais finais em clíticos monossilábicos; e a queda de vogal alta /u/.

Na história das línguas Macro-Jê, um dos parâmetros das consoantes em coda era a presença ou não de uma vogal eco, a qual tem a pronúncia reconstruída como uma vogal curta, átona, de mesmo valor que a vogal do núcleo da sílaba. As línguas Jê herdaram esse traço das consoantes em coda e, nas línguas Akuwẽ, houve a fonologização dessa vogal eco em uma vogal plena (Nikulin, 2020, p. 89-91). Na língua Akwẽ, como demonstrado por Santos (2025), a vogal que originalmente era o núcleo silábico cai em nomes, mas a vogal eco se mantêm: /bɾu/ ‘roça’ < Proto-Akuwẽ **buɾu* (A’uwẽ /buɾu/), sem nenhum tipo de alternância.[4] Em outras palavras, para os nomes no Akwẽ, a queda da vogal nuclear etimológica já está consolidada e não se encontra realizações como *[buɾ]. Em verbos, a vogal do núcleo etimológico e a vogal eco podem ou não se elidir, a depender do contexto morfossintático. A vogal eco etimológica é encontrada em variação com formas sem ela na 1ª e 2ª pessoa do singular, caso o verbo não seja seguido por algum modificador: [ĩhəɾə] ~ [ĩhəɾ] < /ĩ-həɾə/ 1.SG-gritar ‘eu grito/ei’. Em outros contextos, isto é, na presença de morfemas à direita do verbo, não há mais formas com a vogal nuclear etimológica, permanecendo apenas a vogal eco etimológica: [wahɾənĩ] < /wa-həɾə=nĩ/ 1.PL-gritar=1.PL ‘nós gritamos’. No imperativo, as duas vogais (nuclear e eco) se mantêm: [ajhəɾə] < /aj-həɾə/ 2-gritar ‘grite!’.

A emergência de formas sem ambas as vogais anteriores altas [i, ĩ] ainda é um fenômeno ativo na língua e não se restringe a nenhuma classe morfológica, sendo muito similar com as alternâncias vistas nas vogais eco. A exceção é que, mesmo em nomes, as vogais /i, ĩ/ finais podem se elidir como em [padʒi] < /padi/ ‘tamanduá’, mas [patɾe] < /pati-ɾe/ tamanduá-DIM ‘tamanduazinho’.[5] Desta forma, temos [ĩsaɾi] ~ [ĩsaɾ] < /ĩ-sa-ɾi/ 1.SG-morder-NF ‘eu mordi/o’; [ajsaɾi] < /aj-sa-ɾi/ 2-morder-NF ‘morde!’; [wasaɾnĩ] /wa-sa-ɾi=nĩ/ 1.PL-morder-NF=1.PL ‘nós mordemos’.[6]

---

[4] Interessante notar que alguns nomes que não tinham uma vogal eco originalmente, foram reanalizados como tendo: Akwẽ [mɾə̃j] ‘mata’ (forma não final), vindo de Proto-Akuwẽ **mə̃ɾə̃j* (A’uwẽ /*mə̃ɾə̃j*/), com cognatos externos que demonstram que não havia uma coda com vogal eco, pois não se encontra reflexos dessa vogal nestas línguas: Maxakalí /bɨdʉ̃c/ ‘veado’, Pré-Yaathê **mílí* ‘grama’ e, possivelmente, Krenák /maɾɛt/ ‘espírito’.

[5] As línguas Akuwẽ contam com muitas raízes com duas formas distintas, chamadas de forma final, caso seja o morfema mais à direita em um sintagma, e forma não final, caso haja algum morfema à sua direita em um sintagma. A distinção entre [pat(i)] e [padi] é justamente entre a forma não final e final. Os tipos mais frequentes de alternância (formas não finais à esquerda e finais à direita) são [-VpV] ~ [-VbV]; [-VtV] ~ [-VdV]; [-VkV] ~ [-V]; [-VkV] ~ [-VɾV]; e [-VzV] ~ [-VnmṼ].

[6] Por algum motivo ainda não entendido completamente por nós, ao menos duas raízes terminadas em /i/ não contam com a queda descrita acima: /wa-n-ĩpi=nĩ/ 1.PL-TH-trabalhar=1.PL ‘nós trabalhamos’ não conta com exemplares como *[wanpinĩ], *[wanĩpnĩ] ou *[wanpnĩ], mas sempre com todas suas vogais etimológicas expressas: [wanĩpinĩ]. O mesmo pode ser dito para a raiz /-n-ĩsi/ ‘nome, nomear’.

Ainda ativa sincronicamente, encontra-se a perda de segmento vocálico final de clíticos monossilábicos, que ocorrem, no caso de posposições, quando estas têm por argumento um índice de pessoa ([ajm] < /aj-mə̃/ 2-DAT; [ĩt] < /ĩ-te/ 1.SG-ERG). Os clíticos pós-verbais de plural contam com a emergência de formas sem suas vogais finais, alternando com formas em que a vogal ocorre, caso estejam na posição mais à direita do sintagma (com exceção de construções em que verbos com esses clíticos estejam no imperativo): [sõmɾkwa] ~ [sõmɾkw] < /sõm-ɾĩ=kwaba/ dar-NF=2.PL 'vocês deram'; [ajsõkɾekwaba] < /aj-sõkɾe=kwaba/ 2-cantar.SG=2.PL 'cantem (vocês dois)!'.

Por fim, uma queda vocálica já consolidada na sincronia da língua é aquela da vogal /u/. Algumas raízes do Proto-Akuwẽ, como **akuwẽ* 'povo' e **kuhədə* 'anta (forma final)', já não contam mais com a vogal alta posterior no Akwẽ: [akwẽ] e [kdə], respectivamente. Em outras raízes a vogal /u/ se elide em alguns compostos, mas não em outros: Proto-Akuwẽ **hesu* 'folha' > Akwẽ [hesu], que conta com compostos em que a vogal cai ([hespɔkɾə̃] < /hesu-pɔ-kɾə̃/ folha-largo-fruta 'banana'), mas conta também com compostos em que isso não ocorre ([hesuka] < /hesu-ka/ folha-claro 'papel'). Ainda não nos é claro o contexto motivador da queda, ainda mais tendo em conta que em algumas palavras os /u/ etimológicos se mantêm: /kuba/ < Proto-Akuwẽ **kuba* 'barco', /huku/ < Proto-Akuwẽ **huku* 'onça' etc.

3. O problema da hipercorreção

Quando observamos a etimologia de alguns itens lexicais do Akwẽ, percebe-se que com a perda da vogal, esteja ela já fossilizada ou não, em algumas palavras surge uma consoante [ɾ], claramente não etimológica. Vejamos os exemplos (1) abaixo:

(1)	a. Akwẽ [ajkɾdɛ]	A'uwẽ [ajʔudɛ]	'criança'
	b. Akwẽ [kɾtabi]	A'uwẽ [ʔuptabi]	'verdadeiro'

A partir dos exemplos em (1), é possível perceber que na posição da palavra onde há a queda da vogal [u] do Akwẽ, que pode ser recuperável pelo cognato em A'uwẽ, encontra-se um tepe. O exemplo em (1b) é interessante, pois há uma forma em Akwẽ [kujtabi], em que é possível recuperar o /u/ etimológico. Encontra-se também alomorfes sem a vogal e sem o tepe: [ajkdɛ] e [ktabi].[7] Todas estas formas apontam para o Proto-Akuwẽ **ajkudɛ* e **kujtabi* ~ **kuptabi*, respectivamente. Assim sendo, como explicar a emergência de uma consoante, que deixa um padrão silábico complexo ainda mais complexo, como em **CVCV*- > CCV- > [CɾCV-]?

Ressalta-se, ainda, que na fala dos mais jovens, os [ɾ] interconsontantais, etimológicos ou não, são ouvidos cada vez com uma frequência menor, em especial numa fala menos monitorada e em contextos mais informais. Palavras como /pɾaba/ 'dançar' (< Proto-Akuwẽ **pɾaba* 'correr') ou /mɾẽmẽ/ 'falar'(< Proto-Akuwẽ **mɾẽmẽ* 'falar') tem as formas [pba] e [mmẽ] favorecidos pelos jovens em detrimento de [pɾba] e [mɾmẽ], nos contextos mencionados. Nos exemplos de (1), /ajkudɛ/

[7] Há ainda outros alomorfes, referentes às formas não finais, para estes itens, como [ajktɛ], [ajkɾtɛ], [ktab] e [kɾtab], mas que não relevantes para esta discussão.

e /kujtabi/, escuta-se os jovens dizendo mais frequentemente [ajkdɛ] e [ktabi], ao invés de [ajkɾdɛ] e [kɾtabi], em momentos de fala distensa.

Um outro ponto relevante de se destacar é o de que para a maioria dos itens lexicais do Akwẽ, a epêntese de [ɾ] **nunca** ocorre. 'Terra' sempre é realizado como [tka] e nunca como *[tɾka]; 'todos' sempre é ouvido como [kburɛ] e nunca como *[kɾburɛ]. Em comparação com os cognatos A'uwẽ /tiʔa/ e /ʔuburɛ/, reconstrói-se para a língua-mãe **tika* e **kuburɛ*, sem **ɾ* numa posição de *onset* complexo. Para exemplos como [tka], a explicação para a não emergência da consoante epentética não etimológica é simples: o Akwẽ (assim como a maior parte das línguas Macro-Jê), como dito na seção anterior, não permite o encontro tautossilábico de duas consoantes de mesmo ponto de articulação. Ou seja, o fato de /t/ ser uma consoante coronal impede que haja sílabas com esta consoante seguida de um /ɾ/ em *onset*, por esta também ser coronal. No Akwẽ, todos os casos de coronais seguidas de [ɾ] são devidos à queda vocálica como em (2):

(2)	a. Akwẽ [sɾɔmə̃]	A'uwẽ /siɾɔmə̃/	PAk **ciɾɔmə̃*	'estrangeiro'
	b. Akwẽ [nɾõ]	A'uwẽ /nõɾõ/	PAk **nõɾõ*	'coco'
	c. Akwẽ [tɾɔ]	A'uwẽ /tɔɾɔ/	PAk **tɔɾɔ*	'fome de carne'

Também se encontra, a princípio, um *onset* complexo /hɾ-/ com tepe etimológico, que emerge a partir da queda de vogal: /siwaɾõj**hiɾi**/ > [siwaɾõj**hɾi**] 'arrepender-se, decepcionar-se'. Porém, encontramos pelo menos um caso de tepe não etimológico emergindo em um contexto similar ao do exemplo acima: [sipahɾdu] 'urubu', que conta com o cognato /sipahudu/ no A'uwẽ e pode ter a forma da língua mãe reconstruída como **cipahudu*.

Contudo, para a forma hipotética *[kɾburɛ], não há, a princípio, nenhum empecilho para que ela emerja. O encontro consonantal /kɾ-/ é atestado em diversos itens lexicais do Akwẽ, muitos deles com diversos cognatos nas demais línguas Macro-Jê. Desta forma, conclui-se que a emergência de [ɾ] não etimológico em Akwẽ deve ter uma explicação que foge da fonotática dos *onsets*: se por um lado, o [ɾ] não etimológico poderia ser explicado por uma analogia à queda de vogais de ataques silábicos complexos como em [kɾda] < /kɾada/ 'velho', por outro, não se explica o porquê de o tepe emergir após consoantes que não o podem preceder em *onsets*, como no exemplo [sipahɾdu] 'urubu' acima, nem porque ele falha em emergir em contextos que seriam lícitos como em [kburɛ] 'todos'.[8]

Em (3) a seguir, apresentamos todos os casos que identificamos a presença de [ɾ] não etimológico no Akwẽ. Note-se que são poucos os itens lexicais em que isto ocorre, ainda que alguns deles tenham, ao menos impressionisticamente, a partir da nossa convivência como professor orientador dos alunos Akwẽ do curso de Educação Intercultural, uma frequência de ocorrência um pouco mais elevada.

---

[8] É tentador, contudo, dizer que há uma chance maior de [ɾ] ser inserido após /h/ para a formação de um *onset* complexo, tendo em vista que 1. /h/ não é uma consoante coronal e 2. etimologicamente, ela vem de um **k*, quando em sílaba tônica com núcleo preenchido por vogal alta oral, no Proto-Cerratense (língua-mãe do Proto-Akuwẽ. *cf.* Nikulin 2020, p. 84-86, para a evolução das consoantes na família Jê, em especial a nota de rodapé 72). Contudo, como os encontros **kɾ-* e **ŋᵍɾ-* seguidos por vogal alta oral do Proto-Cerratense deram origem a Proto-Akuwẽ **h-*, sem o tepe, achamos implausível que este fenômeno se dê simplesmente por uma analogia a *onsets* complexos no Akwẽ.

(3)

a.	Akwẽ [ajkɾdɛ]	A'uwẽ [ajʔudɛ]	'criança'
		Proto-Akuwẽ *ajkudɛ	
b.	Akwẽ [kɾtabi]	A'uwẽ [ʔuptabi]	'verdadeiro'
		Proto-Akuwẽ *kujtabi ~ kuptabi	
c.	Akwẽ [sipahɾdu]	A'uwẽ [sipahudu]	'urubu'
		Proto-Akuwẽ *cipahudu	
d.	Akwẽ [-nĩkɾbɔ]	A'uwẽ [-ɲĩpɔ]	'unha da mão'
		Proto-Akuwẽ *-ɲ-ĩkɔbɔ	
e.	Akwẽ [kɾdɔ]	A'uwẽ [ʔɔdɔ]	'cigarra'
		Proto-Akuwẽ *kɔdɔ	
f.	Akwẽ [bakɾnõ]	A'uwẽ [baʔõnõ]	'menina'
		Proto-Akuwẽ *bakõnõ	
g.	Akwẽ [-nĩhɾdu]	A'uwẽ [-ɲĩhudu]	'neto'
		Proto-Akuwẽ *-ɲ-ĩhudu	

O que se pode notar de comum aos exemplos em (3) é que o *onset* da sílaba etimológica em que ocorre a epêntese é, ao menos nos itens lexicais encontrados, sempre /k/ ou /h/ e a vogal núcleo é sempre uma vogal arredondada, seguida por consoante coronal, com exceção de (3d), em que a consoante após o tepe não etimológico é uma labial [b].

Pensando que, articulatoriamente, um tepe alveolar pouco tem em comum com consoantes velares ou glotais e, menos ainda, com vogais posteriores arredondadas, torna-se difícil encontrar uma motivação apenas articulatória para a emergência do [ɾ] nos exemplos acima. Ainda que a maior parte das raízes conte com uma consoante coronal no ataque da sílaba seguinte e que estas consoantes possam ser levantadas como motivadoras, dado o compartilhamento de ponto de articulação, há ao menos um item em que o tepe é seguido por uma labial. Tentaremos, nas próximas seções, explicar o que pode motivar a emergência do [ɾ] em contextos que apenas a articulação para a produção deste fone não dá conta.

4. Metodologia e a Teoria de Exemplares

Para entender melhor qual (ou quais) fator(es) pode(m) estar condicionando o surgimento do tepe no Akwẽ, em contextos que estão ausentes nas etimologias das palavras, procedemos à consulta da frequência de ocorrência de determinados tipos, partindo da hipótese de que a frequência de uso, de alguma forma, pode estar envolvida nesse fenômeno. Mais especificamente, tendo em vista de que a produção de tepes etimológicos entre consoantes tem se tornado cada vez menos frequente, em particular em contextos de fala menos monitorada, imaginamos que o que estaria ocorrendo, nos casos de inserção de tepe não etimológico, seria um caso de hipercorreção, condicionado à frequência de tipo.

Neste trabalho, estamos chamando de hipercorreção formas emergentes que fogem de um padrão, consciente ou não, estabelecido a partir de uma norma socialmente valorizada. Essas formas emergentes surgem em contextos de maior monitoramento da fala, com vistas a emular os padrões utilizados pelas pessoas detentoras dessa norma. Nesse sentido, o nosso uso aqui proposto de hipercorreção é próximo (mas não igual) à definição dada por Labov (2008, p. 155, grifos nossos), que a descreve como:

> "**Esse padrão de ultrapassagem** [da realização de *r* pela classe média baixa novaiorquina, comparada com as classes mais altas], **parece ser um desvio em relação à regularidade** do comportamento exibido pelas outras classes [...]. Para descrever este fenômeno, usaremos o termo hipercorreção, já que os falantes da classe média baixa **vão além do grupo de *status* mais elevado em sua tendência a usar as formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais**".

Assim sendo, procedemos à mensuração da frequência das sílabas dos tipos [kɾC] e [kC] em produções acadêmicas de alunos Akwẽ, concluintes da licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás. Mais especificamente, escolhemos quatro Projetos Extraescolares, defendidos no primeiro semestre de 2025, em diferentes aldeias da Terra Indígena Xerente.[9] Os trabalhos foram selecionados tendo por critério o fato de tratarem de diferentes temas: o trabalho de Hmõdi Xerente (2025) trata sobre o respeito entre os clãs Akwẽ *(dasisdanãrkwa*); o Projeto Extraescolar de Srãpte Xerente (2025) descreve o ritual do Pós-Funeral (*Kupre*); Suwate Xerente (2025) apresenta uma relação entre os frutos tradicionais do cerrado e o território Akwẽ; e, finalmente, a pesquisa de Srêpawẽ Xerente (2025) descreve os diversos usos tradicionais que os Akwẽ fazem do pé de buriti (*pizu wdê*). Para além da variedade de temas, também foi considerado como fator importante o fato de estes trabalhos terem sido escritos, em sua totalidade ou quase totalidade, na língua Akwẽ, por falantes nativos da língua.

Ainda que o conjunto de dados coletados seja pequeno, com 2.763 ocorrências de sílabas [kɾC] e [kC], como será demonstrado na próxima seção, ele aponta para tendências que parecem explicar um pouco melhor os fatos que observamos até aqui. Esta coleta quantitativa dos dados se faz necessária já que um dos pressupostos da Teoria de Exemplares é que cada instância de uso linguístico, seja na produção ou na percepção, cria um exemplar – uma unidade na representação mental do falante. Estes exemplares são altamente redundantes e ricos de informação: eles contêm, em sua representação, formas fonéticas, morfológicas, sintáticas etc., bem como informações extralinguísticas que associam

[9] O Projeto Extraescolar do curso em Educação Intercultural da UFG equivale, *grosso modo*, aos Trabalhos de Conclusão de Curso de outros cursos de graduação. Porém, dentro da proposta pedagógica da transdisciplinaridade e interculturalidade crítica que sustentam o curso, há diferenças cruciais entre as duas propostas (daí a diferença no nome). Segundo o Projeto Pedagógico de Curso em vigência, os Projetos Extraescolares "[têm] por objetivo a elaboração e a implementação, pelos/as estudantes indígenas, de projetos comunitários que visem à sustentabilidade linguística, cultural, ambiental, social e/ou econômica de suas aldeias. A escolha do tema a ser desenvolvido ocorre de forma coletiva, envolvendo os/as discentes, os sábios e as sábias e a comunidade indígena" (NTFSI, 2024). Decorre deste objetivo, que os Projetos Extraescolares, para além de uma pesquisa simples sobre um tema de interesse da comunidade do/a aluno/a, também contam com um forte caráter extensionista.

as formas linguísticas com características sociais de quem as produziu (Bybee, 2001, 2010). Assim, para que se possa ter uma ideia da estrutura das representações mentais do falante de uma determinada língua, a quantificação das estruturas linguísticas (sons, sílabas, morfemas, palavras, sentenças etc.) é indispensável, pois, a partir de uma quantificação o mais ampla possível, considerando diferentes contextos de uso da língua, pode-se indicar quais os tipos e as estruturas são mais ou menos frequentes para um falante médio.

Até aqui, temos mencionado e discutido sobre fonemas no Akwẽ. É importante ressaltar que a Teoria dos Exemplares não lida com tal construto teórico, já que a representação da língua na mente dos falantes é toda estruturada por meio dos exemplares, os quais estão relacionados entre si, interligando-se em uma rede complexa. Segundo Bybee (2010, p. 19, tradução nossa),[10]

> "[...] cada uma das formas fonéticas de uma palavra que são distinguíveis são estabelecidas na memória como exemplares; novas ocorrências de experiência que são as mesmas de algum exemplar já existente são mapeadas a ele, fortalecendo-o. Então todos os exemplares fonéticos de uma palavra são agrupados conjuntamente em um *cluster* de exemplar [...]".

Por sua vez, *clusters* de exemplares mais similares estão mais próximos entre si na representação mental, constituindo uma espécie de rede de relações, e formam *chunks*, os quais geram um efeito de protótipo. Esses *chunks* são responsáveis pela organização de uma escala gradiente em unidades categóricas combináveis (p. ex.: fones enquanto gradientes e fonemas como unidades categóricas) e, o que temos chamado de fonemas neste trabalho, não é nada mais que representações sonoras mentais prototípicas e, por consequência, categóricas, as quais emergem a partir de diferentes *chunks*. Quanto mais frequentes os exemplares relacionados a um determinado *cluster*, mais forte se torna a sua representação mental.

De maneira análoga, chamamos de alomorfes, neste trabalho, não realizações fonéticas de morfemas, derivados de uma forma subjacente a partir de regras ou restrições, como nas tradições estruturalistas e gerativistas, mas diferentes *clusters* de morfemas que, por contarem com formas fonéticas similares (e historicamente relacionadas) associadas a significados constantes estão mais próximos entre si na rede de representações mentais do falante. Aqui, o uso de barras / / é indicativo de uma forma prototípica (e historicamente mais conservadora) do morfema, enquanto os colchetes [ ] indicam, neste estudo, realizações fonéticas possíveis de um segmento ou de um morfema.[11]

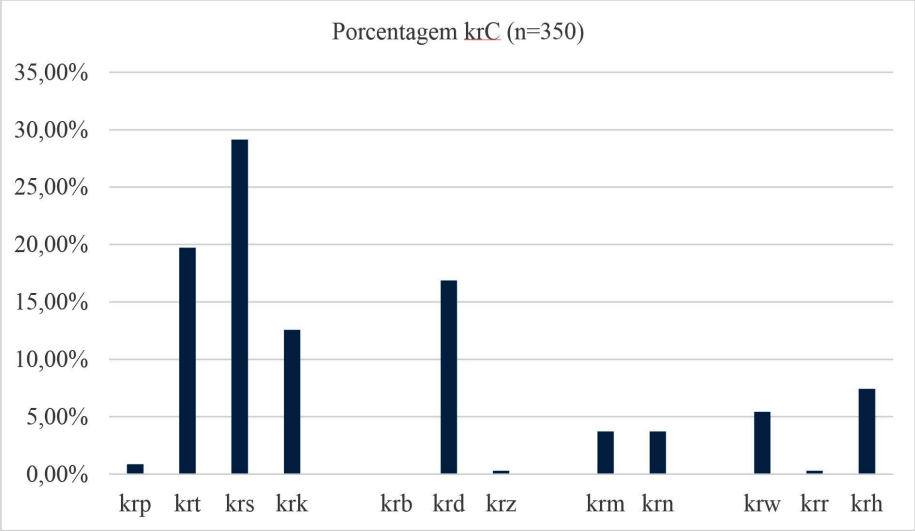
[10] No original: "[...] *each of the phonetic forms of a word that are distinguishable are established in memory as exemplars; new tokens of experience that are the same as some existing exemplars are mapped on to it, strengthening it. Then all the phonetic exemplars of a word are grouped together in an exemplar cluster* […]".

[11] Um/a dos/as pareceristas anônimos/as fez uma crítica, a princípio justa, sobre o uso, na versão original deste trabalho, de terminologia comum a teorias de cunho estruturalista e gerativista, como "alofonia", "queda de vogal" e "restrições". Entendemos a crítica e, até certo ponto, concordamos com ela, mas acreditamos que recriar toda uma terminologia e notação do zero é como jogar fora o bebê junto com a água do banho: em se fazendo as ressalvas necessárias (e que nós fazemos, mais acima), não vemos problemas em utilizar essa terminologia vinda de outras perspectivas teóricas. Para ficarmos em três exemplos práticos, citamos pesquisadoras de renome nacional e internacional, que se utilizam de uma nomenclatura "tradicional" em trabalhos que utilizam a Teoria de Exemplares como base para as análises linguísticas empreendidas: Cristófaro-Silva e Almeida (2008) falam de 'vogais epentéticas' no título de seu trabalho e de 'inserção

5. Resultados e análise

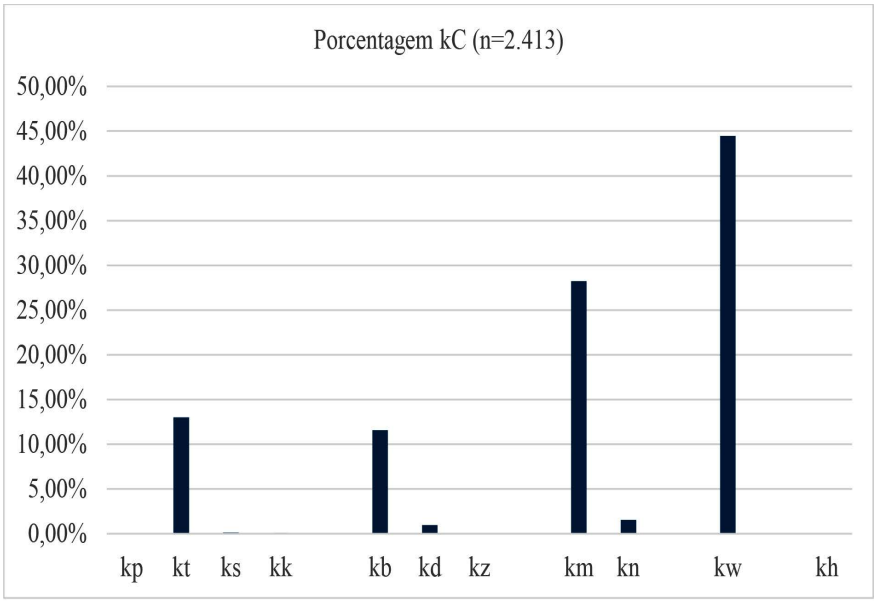
Como dito na seção anterior, contamos a frequência de ocorrência dos tipos silábicos [krC] e [kC] nos quatro Projetos Extraescolares selecionados para análise, totalizando 2.763 ocorrências: 350 ocorrências de [krC] e 2.413 ocorrências de [kC]. Esta contagem visou mensurar a força de cada um dos tipos, surgidos a partir da perda de vogais e que contam com variação. Vejamos nos gráficos 1 e 2, a seguir, mais detalhadamente a distribuição das ocorrências desses dois tipos, considerando as diferentes consoantes que podem preencher [C]:

Gráfico 1: Ocorrências de [krC]



Fonte: elaboração do autor

Gráfico 2: Ocorrências de [kC]



Fonte: elaboração do autor

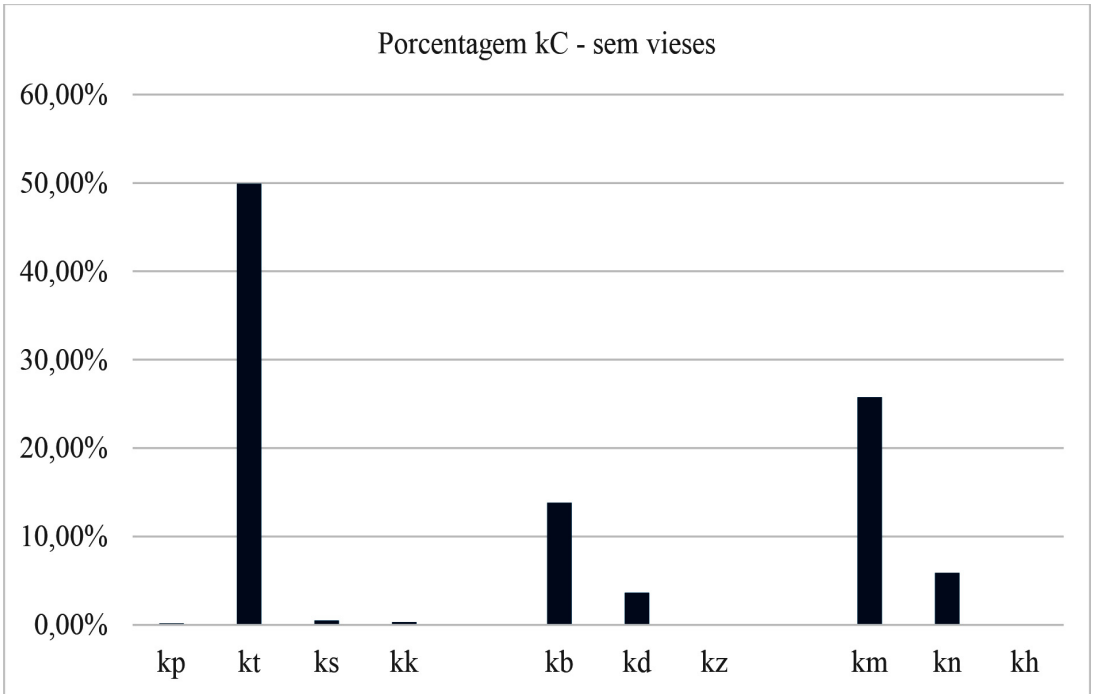
de vogais' no texto; Cristófaro-Silva e Gomes (2020, p. 25), falam sobre 'perda segmental' (ainda que seja ressaltando a gradiência desta); Bybee (2010) utiliza em diversos pontos de seu livro o termo 'morfema'.

Percebe-se, ao analisarmos o gráfico 1, que as maiores frequências de ocorrência no tipo [kɾC] (n=350) se encontram respectivamente com [kɾs] (29,14%, n=102), [kɾt] (19,71%, n=69), [kɾd] (16,86%, n=59) e [kɾk] (12,57%, n=44). Se considerarmos as ocorrências de [C] preenchido por consoantes coronais (n=245), ou seja, as ocorrências de [kɾt], [kɾs], [kɾd], [kɾz], [kɾn] e [kɾɾ], temos que elas perfazem 70% das ocorrências de [kɾC].

O gráfico 2, por outro lado, mostra um cenário diferente. No tipo [kC] (n=2.413), temos as seguintes ocorrências mais frequentes: [kw] (44,47%, n=1.073), [km] (28,22%, n= 681), [kt] (13,01%, n=314) e [kb] (11,56%, n=279). Ressaltamos que a possibilidade lógica [kɾ] foi excluída da contagem, dado que, neste caso, haveria a formação de um *onset* fonológico já presente na estrutura da língua. Se lembrarmos que /kw-/ também é um padrão de *onset* encontrado nas representações mentais dos falantes, perceberemos que há um viés nos dados representados no gráfico 2. Outros vieses identificados na contagem do tipo [kC] foram [km] devido ao causativo /kmə̃-/, que corresponde a 76,21% (n=519) das ocorrências de [km]; e o alomorfe [kba] '2.PL' (< /=kwaba/) e [kbuɾɛ] 'todos', que correspondem a pouco mais da metade (50,9%) das ocorrências de [kb] (n=52 e 90, respectivamente).

Assim sendo, recalculamos as ocorrências de [kC], retirando da contagem as ocorrências destes vieses, ou seja, retirando todas as ocorrências de [kw], por ser um padrão de *onset* e que se tornaria difícil, neste momento da pesquisa, analisar item por item quais [kw] vêm de /kw/ e quais são advindos da queda de vogal em /kVw/; bem como removendo as ocorrências de /kmə̃/ 'CAUS', do alomorfe [kba] '2.PL' e de [kbuɾɛ] 'todos'. Os resultados podem ser conferidos no gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3: Ocorrências de [kC] sem vieses



Fonte: elaboração do autor

O gráfico 3 nos mostra uma diferença significativa nos resultados se compararmos com aqueles do gráfico 2. Sem o cálculo dos vieses, temos, agora, como tipo mais frequente [kt], com 49,92% (n=314). Contudo, ao compararmos com os resultados do gráfico 1, temos que, apesar de [kt] ser frequente, formas com [kɾC], em que [C] é preenchido por coronais tem um percentual maior no seu respectivo tipo (70%, n=245). Isto demonstra que, na língua Akwẽ, ao menos no universo considerado neste pequeno estudo, [kɾC] com [C] preenchido por uma coronal tem uma representação mais forte que a de [kC], também com [C] coronal. E, a partir dessa afirmação, podemos começar a entender porque os itens lexicais em que se atesta a hipercorreção se dá, em sua maioria, nas sílabas /kVC/, em que [C] é uma coronal.

Os dados do gráfico 3 ainda mostram, porque formas hipercorrigidas, com [C] preenchido por uma consoante não coronal, como [kɾb] são bem menos frequentes (dos 7 itens lexicais identificados, em apenas 1, [C] não é coronal). Uma frequência maior de [kC], preenchido por não coronal, se comparado por [kɾC] também com não coronal, inibe o surgimento de [ɾ] a partir da queda da vogal. Em outras palavras, a alta frequência de morfemas como [kmə̃] 'CAUS', [kba] '2.PL' e [kbuɾɛ] 'todos' explica porque não encontramos formas hipercorrigidas *[kɾmə̃-], *[kɾba], *[kɾbuɾɛ] etc.: suas frequências de ocorrência elevadas fazem com que a representação mental destes itens seja forte o suficiente para inibir a emergência do tepe não etimológico.

Vê-se, a partir dos dados acima, que um contexto em que uma consoante coronal se encontra à direita favorece a emergência do tepe não etimológico, ainda que não seja o único contexto possível para este fenômeno (retome-se o exemplo (3d) [-nĩkɾbɔ] 'unha da mão'). Por se tratar de um padrão com representação mais robusta, [kɾC], com [C] coronal, é o *locus* por excelência para a emergência do tepe. Mesmo que mais estudos sejam necessários, a natureza articulatória similar entre o tepe e as demais coronais provavelmente contribui para o surgimento das formas aqui discutidas: ao nosso ver, não acreditamos que seja mera coincidência que um contexto de [k] seguido por consoantes coronais seja o mais favorecido para o surgimento do tepe, mas é exatamente a mesma articulação coronal dessas consoantes que, ao menos em parte, favorecem, de um ponto de vista de estrutura linguística, o fenômeno ora analisado.

Mas somente uma maior ou menor frequência não dá conta de elucidar todos os fatos. Embora uma maior frequência de um determinado tipo leve a uma tendência de que palavras com tipos similares contem com a emergência da hipercorreção, ela não explica nem porque encontra-se a hipercorreção em palavras com /hVC/ (como em [sipahɾdu] 'urubu') e, menos ainda, qual a motivação para o surgimento da hipercorreção em primeiro lugar. Neste caso, acreditamos que questões sociais sejam relevantes para explicar a emergência da hipercorreção. Como visto anteriormente, os exemplares são unidades da representação mental ricas em conteúdo e informações extralinguísticas, como contextos de uso, formas mais utilizadas por determinados grupos sociais etc., também fazem parte deste "pacote de dados" que um exemplar carrega consigo (Bybee, 2010, p. 21).

Para explicar então o que motiva os falantes a fazerem a hipercorreção, acreditamos que deva ser levada em consideração as formas de prestígio na língua Akwẽ, aquelas com avaliação positiva por parte dos falantes. Na nossa experiência de orientação com os alunos Akwẽ da Educação Intercultural da UFG, frequentemente escutamos discussões entre eles sobre o modo de falar dos anciãos, em que comentários positivos acerca da fala desse grupo etário são comuns. Descrições de que a fala dos anciãos é "correta", "mais bonita" e pelo uso de outros descritivos que demonstram um juízo de valor positivo, evidenciam o prestígio do socioleto dos mais velhos da comunidade. Se lembrarmos que são justamente os anciãos aqueles que mais preservam os [ɾ] etimológico entre consoantes, mesmo em contextos de fala não monitorada, não é de se espantar que os falantes mais novos, ao tentarem espelhar sua fala na daqueles que contam com maior prestígio, invariavelmente incorrerão na hipercorreção em contextos mais formais, em que há maior monitoramento da fala.

No caso em análise, esta hipercorreção se dá preferencialmente em contextos de fala monitorada, em que o tepe não é etimologicamente motivado, e em que, pela queda da vogal, emerge a estrutura [kɾC], com [C] preenchido por uma coronal. Estes contextos são justificados, porque nos contextos em que [kɾC] conta com o tepe etimológico, as consoantes mais frequentes são as coronais. Além disso, pelo fato de os exemplares serem uma representação rica da memória e registrarem detalhes da experiência linguística, de natureza variada, aí inclusas associações de formas linguísticas com diferentes classes sociais (etárias, de gênero, econômicas etc.), faz com que as formas linguísticas de prestígio associadas aos anciãos emerjam na fala dos mais jovens, inclusive em palavras as quais não contam com tepe na fala destes mesmos velhos detentores de um "bem falar", ao olhar da comunidade.

Em outras palavras, o fato de [kɾC], com coronal, contar com uma representação mais forte na mente dos falantes, faz com que ocorrências que deveriam ser de [kC], com coronal, sejam hipercorrigidas para [kɾC]. No sentido inverso, por [kC], com [C] não coronal, ter uma representação mais consolidada na mente dos falantes, a hipercorreção para [kɾC], com não coronal, é significativamente menos frequente. Para além do contexto linguístico condicionante, isto é, de coronais favorecerem a emergência do tepe, o fato de essas formas inovadoras aparecerem em contextos de fala mais monitorada, indica não somente uma tentativa de se alcançar uma norma de prestígio, mas demonstram elas mesmas quem detém esse prestígio linguístico entre a comunidade falante de Akwẽ: os anciãos. A hipercorreção surge no momento em que, ao tentar emular o estilo de fala desse grupo, jovens, que em contextos não monitorados tendem cada vez mais a utilizar formas sem o tepe interconsonantal, têm exatamente o comportamento contrário em contextos formais, a ponto de fazer com que emerjam formas com o tepe que não são utilizadas pelo grupo social que serve de modelo (i. é, o grupo dos anciãos).

5. Considerações finais

Vimos ao longo do artigo que a língua Akwẽ conta com dois fenômenos fonológicos: a queda vocálica, extremamente frequente, e a inserção de um tepe não etimológico em alguns encontros

consonantais. Estas formas com [ɾ] não etimológico, como [ajkɾdɛ], [kɾtabi] etc., emergem devido a uma hipercorreção na fala dos mais jovens, numa tentativa de se alcançar a forma de prestígio da fala dos mais velhos. Estes padrões silábicos mais complexos ([kɾC] ao invés do [kC] que seria esperado) surgem por analogia a uma maior frequência de [kɾ] seguido por consoantes coronais, em especial [t], [s] e [d].

Ainda que tenhamos chegado a algumas conclusões preliminares sobre a emergência de um tepe não etimológico na língua Akwẽ, deve-se ter em mente que este estudo de caso é baseado em um *corpus* pequeno e, em alguns pontos, é calcada em avaliações impressionísticas, não mensuradas. Para conclusões mais seguras, um *corpus* significativamente maior deve ser considerado: este é um dos desafios para os estudos em línguas indígenas que consideram a frequência de uso como fator condicionante da mudança linguística. Ainda hoje não encontramos *corpora* de línguas indígenas que sejam significativos tanto em termos de tamanho, quanto de gêneros textuais variados. Como o registro de produção textual, seja oral ou escrito, das línguas indígenas é expressivamente menor se comparado a de línguas europeias, como o português ou o inglês, a construção de um *corpus* se torna muito mais difícil. Se levarmos em consideração, ainda, o número reduzido de linguistas que trabalham com línguas originárias no Brasil, percebe-se que montar um *corpus* adequado para esse tipo de estudo se torna uma tarefa hercúlea, em que um/a pesquisador/a tem que dedicar toda a sua carreira para tal intento.

Contudo, os dados aqui apresentados mostram como o uso e o juízo de valor podem fazer emergir estruturas foneticamente complexas. Apesar de não estar inteiramente claro para nós a motivação de [hɾC] e [kɾb] com tepes não etimológicos, este primeiro esforço de entender esse fenômeno na língua Akwẽ aponta para caminhos promissores de pesquisa, em que fica patente a necessidade de as teorias fonológicas (e linguísticas de maneira geral) considerarem aspectos não somente da estrutura em si, mas também externas à língua, no sentido saussuriano do termo, como é o caso das investigações da Teoria de Exemplares e da Sociolinguística, em que o uso e a avaliação das formas linguísticas têm um papel indispensável na explicação de fenômenos linguísticos.

Agradecimentos

Agradecemos a todo o público do X Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê, que assistiu a palestra que deu origem a este trabalho e que contribuiu com questionamentos e comentários. Em especial, agradeço ao Prof. Gean Damulakis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela organização do evento ocorrido no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Agradeço também aos/às dois pareceristas anônimos/as por apontar algumas fragilidades no texto e por apresentarem sugestões de como corrigi-las. Deixo ainda, minha homenagem a Durkwa Krẽka (Elizélio Santiago Oliveira), conhecido pelo seu povo por Neguinho, com o qual me encontrei pela última vez nesse evento, antes de sua partida para se juntar aos encantados. Mais que um aluno, Durkwa foi um amigo e um professor e sua luta pela revitalização da língua Krẽka permanece viva.

Referências

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambrígia: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambrígia: Cambridge University Press, 2010.

COTRIM, Rodrigo Guimarães Prudente Marquez. *Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê Central).* 2016. 469 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; ALMEIDA, Leonardo. On the nature of epenthetic vowels. *In*: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (eds.). *Contemporary phonology in Brazil*. Cambrígia: Cambridge Scholars Publishing, 2008, pp. 193-212.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; GOMES, Christina Abreu. Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares. *In*: GOMES, Christina Abreu (org.). *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares*. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 13-36.

FRAZÃO, Kêt Simas. *A sílaba no Akwẽ-Xerente (Jê).* 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/mapa/.

KRIEGER, Wanda Braidotti; KRIEGER, Guenther Carlos (org.). *Dicionário escolar Xerente / Português – Português / Xerente*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS, Rinaldo de. Fonêmica Xerente. *Série Linguística*, Brasília, v. 1, pp. 79-100, 1973.

MATTOS, Rinaldo de. *Língua Xerente*: Como se lê e como se escreve. Brasília: Academia Monergista, 2024.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*. Volume I (Zur Ethnographie mit einem Kärtchen). Lípsia: Friedrich Fleischer, 1867a.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*. Volume II (Zur Ethnographie mit einem Kärtchen). Lípsia: Friedrich Fleischer, 1867b.

NIKULIN, Andrey. *Proto-Macro-Jê*: Um estudo reconstrutivo. 2020. 571 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

NTFSI (Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena). *Projeto pedagógico de curso Educação Intercultural*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2024.

RODRIGUES, Aryon dall'Igna. Macro-Jê. *In*: DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.) *The Amazonian languages*. Cambrígia: Cambridge University Press, 1999, pp. 165-206.

SALANOVA, Andrés Pablo; NIKULIN, Andrey. A typology of relationalizing and absolutizing morphology in Lowland South American languages. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 91, n. 1, pp. 43-96, jan. 2025.

SANTOS, Anna Clara dos. *Fatores motivadores da queda de vogais em Xerente.* Relatório (Iniciação científica). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê).* 2007. 328 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SOUZA, Shelton Lima de. *Descrição fonético-fonológica da língua Akwen-Xerente.* 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUZA, Shelton Lima de. *Fonética e fonologia da língua Akwen-Xerente (Jê)*: Aspectos segmentais. Rio Branco: Edufac, 2017.

XERENTE, Alderice Hmõdi. *Os respeitos tradicionais entre o povo Akwẽ-Xerente*: Respeitos tradicionais e Dasisdanãrkwa. 2025. 37 f. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

XERENTE, Lenivaldo Srãpte. *Kupre*: Pós-funeral. 2025. 42 f. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

XERENTE, Marcos Aurélio Suwate. *Wanĩm tkai wamhã romkrã aikuwa mba hã*: Frutas do cerrado no território do povo Akwẽ-Xerente. 2025. 27 f. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

XERENTE, Nelson Srêpawẽ. *Akwẽ pizu wdê simã tkrê kmãdkâ prê mnõze*: A importância do pé de buriti para o povo Akwẽ. 2025. 38 f. Projeto Extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.